

DISSERTAÇÃO

CARTOGRAFIA DOS CORPOS ESTRANHOS: NARRATIVAS FICCIONAIS DAS HOMOSSEXUALIDADES NO COTIDIANO ESCOLAR¹

Eder Rodrigues Proença²

A pesquisa tem por objeto de estudo as conversas do/no cotidiano escolar, que abordam temas caros à contemporaneidade e constituem-se solo fértil para a reflexão e o trabalho pedagógico que buscam ampliar o sentido de cidadania e a desconstrução de representações preconceituosas da homossexualidade, possibilitando a alteridade entre os diferentes sujeitos; também tem o intuito de trazer à cena questões das homossexualidades e os desdobramentos que delas emergem e se relacionam com o nosso corpo³ no cotidiano escolar, contribuindo para a constituição de novas identidades – mais híbridas e menos fixas⁴; num esforço para desconstruir a situação marginal dos chamados corpos estranhos – tidos como desviantes –, chamando-os para assumir uma posição de cidadão/cidadã responsáveis por suas histórias individuais e/ou coletivas.

A partir das narrativas ficcionais⁵ (REIGOTA, 1999), busca-se responder as seguintes questões: Como são construídos os discursos das sexualidades nas escolas? Neles aparecem e são evidenciadas as possibilidades de sexualidades diversas? Como as homossexualidades vêm sendo refletidas e praticadas na sala de aula? Ainda prevalece nas escolas o discurso biológico que definem

1 Dissertação aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado - da Universidade de Sorocaba, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota.

2 Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba, Professor de Geografia da rede pública estadual de São Paulo. *E-mail:* eder.proenca@uol.com.br

3 Corpo é entendido, nesta pesquisa, não apenas como constituição física dos indivíduos, mas numa perspectiva que dialoga com Louro (2004), dimensionado ao gênero e a sexualidade, ou seja, como produção inscrita discursivamente em cada indivíduo.

4 Para Hall (2001, p. 12), essa é a característica do sujeito pós-moderno, “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.”

5 Possibilitadas pelas conversas do cotidiano, as narrativas ficcionais são um aporte teórico e criativo para o debate de questões caras ao momento atual, além de, numa perspectiva ética, proteger aqueles que efetivamente, contribuem para a composição da pesquisa.

alunos/as pelas genitálias que apresentam ou cuida-se para que cada um/a se perceba como construto de uma história, cultura, religiosidade e sociedade diversos? Quem são os corpos estranhos – alunos/as, professores/as – e como esses reagem aos discursos oficiais e/ou ocultos sobre as homossexualidades no cotidiano escolar? De que forma os estudos sobre o cotidiano escolar podem contribuir para a construção de sexualidades mais fluídas?

Essas questões, levantadas previamente observando-se as práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano escolar, permitem constatar a riqueza híbrida dos indivíduos que passam pela escola, com diferentes ideias, crenças, culturas, anseios. Assim, por serem os indivíduos uma constituição de identidades múltiplas, contraditórias e em constante mudança, a pesquisa vai se situar no campo dos Estudos Culturais, que embora acadêmico, ultrapassa-o, situando-se num plano mais amplo, que como diz Johnson (1999, p. 29) pretende “abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos “vivem”, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente”.

A subjetividade é compreendida a partir da leitura de Guattari (1997, p. 44), como a experiência de se romper paradigmas ossificados pela sociedade capitalista, em suas diferentes instâncias, para vivenciar cada vez mais, “práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito a singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade”.

A pesquisa mostra, além das narrativas ficcionais do cotidiano escolar, a narrativa do pesquisador-autor, como sendo também, um dos objetos da própria pesquisa; pois, ao descrever as trajetórias em recortes alinhavados à pesquisa, pretende-se relacionar os modos pelos quais tantos/as corpos estranhos vão sendo desenhados, vividos, atravessados, sentidos, desenraizados, mobilizados de formas descontínuas pelo cotidiano escolar e também fora dele. Assim, os corpos que se evidenciam, o fazem para que, aqueles/as que crêm apenas em sujeitos formatados numa especificidade da sociedade, tenham oportunidades de refletir sobre suas crenças e conceitos para re-significar suas práticas.

Ancorando-se nas ideias que Félix Guattari apresenta, em torno de uma cartografia subjetiva, se pode apontar, tanto através da trajetória do pesquisador, quanto pelas trajetórias construídas em inúmeros momentos da vivência no cotidiano escolar, estão confluindo para esse reinventar, que pode ser, tanto o reinventar as práticas pedagógicas, quanto reinventar o ser político – enquanto sujeito-cidadão, ou ainda, reinventar a busca por espaços realmente justos, democráticos e sustentáveis para as questões anteriores.

Esse formato de narrativa é chamado por Reigota e Prado (2008, p. 128) de bio:grafia, que diverge da ideia de biografias e autobiografias para assumir

uma perspectiva ética e teórica de temáticas emergentes na contemporaneidade, assim, está em jogo, segundo os autores, “enfatizar o potencial pedagógico das trajetórias e narrativas e o seu potencial político” (p.123), dando mais visibilidade às práxis cotidianas e, viabilizando-as para uma efetiva transformação das políticas públicas, no caso da presente pesquisa, ou seja, transformações no campo da educação.

O aporte teórico é composto por Foucault (2007), quando se apresenta a sexualidade produzida historicamente, ao longo dos últimos séculos, no Ocidente, como uma *scientia sexualis*, ou seja, um investimento técnico em um conjunto de dispositivos da sexualidade para assegurar o assujeitamento dos indivíduos na modernidade, controlando-se os corpos e as populações. Segundo Foucault, só poderá tornar-se um sujeito livre pelo investimento na ética, na qual homens e mulheres do presente possam experimentar a relação consigo mesmo, como escreve Fonseca (2003, p. 145), “Foucault pensa que a liberdade não é uma possibilidade ética entre outras, mas é a própria possibilidade da ética.”

Butler (2003) e Louro (1997) contribuem para a compreensão e debate a cerca do gênero, iniciada na virada do século XVIII para o XIX, quando as mulheres lutaram pelo sufrágio universal e principalmente a partir do final da década de 1960, com os Estudos Feministas. Assim, gênero é um conceito que passa da construção a partir das características biológicas dos indivíduos, para uma que vem “exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (LOURO, p. 22). Para Butler, o conceito gênero deve ser pensado a partir da performance, ou seja, a partir da criação que cada indivíduo faz de si, a partir de significados estabelecidos socialmente, fundando-se e consolidando-se como sujeito determinado ou não.

As homossexualidades como experiências que co-existiram nos diferentes períodos históricos do Brasil compõe a pesquisa a partir de autores como Freyre (2004), Trevisan (2004) e Green (2000) – ora mais livremente, ora subvertendo normas, que no presente, apesar de obstáculos, observam-se alguns trunfos, como o projeto *Brasil sem homofobia*, programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual, lançado em 2004, pela Secretaria de Direitos Humanos, nível federal, em parceria com o movimento homossexual.

Autores como Louro (2004), Nardi (2006) e Gallo (2006) são chamados para discutir as relações entre escola/currículo, cotidiano e (homo) sexualidades. Não é novidade que o espaço escolar é recheado de inúmeras conversas, chacotas e todo o tipo de brincadeiras que ironizam o comportamento, o visual, a voz, as preferências de alunos e alunas ou quaisquer outros/as que se apresentam como corpos estranhos, diferentes daquilo que estamos habituados a ver e a conviver.

Há uma pedagogia da sexualidade operando na escola e que cuida da construção dos corpos, disciplinando-os, a partir da normatividade vigente na sociedade, ou seja, a heterossexualidade.

Mesmo havendo um tema transversal dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual, que orienta as escolas do país incluírem a sexualidade como integrante nas disciplinas do currículo escolar, isso não ocorre de maneira concreta e eficaz. Segundo Nardi (p. 1), comentando dados de uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), “embora a maioria dos professores concorde com a introdução de temas contemporâneos no currículo, “[...] muitos ainda tratam a homossexualidade como perversão, doença e deformação moral”, colaborando para a propagação de preconceitos e violências homofóbicas.

Dessa forma, cabe a cada professor/a pensar a partir das reflexões de Gallo, que tipo de educação se quer dar mais evidência – a dos currículos oficiais (educação maior), ou aquela praticada cotidianamente no interior da sala de aula (educação menor), que o autor explica como sendo “experiências de transformação, de experimentação, de criatividade” (p. 103), que viabilizam a formação singular de cada sujeito.

A educação menor dialoga com a política e a teoria *queer*⁶, apontadas por Louro, como aquelas que reforçam e ampliam o sentido de uma educação efetivamente voltada para a produção de subjetividades. A teoria *queer* busca desconstruir processos de normalização e/ou marginalização dos diferentes sujeitos, bem como estratégias que restringem as formas de ser e viver de tantas outras identidades sexuais ou grupos identitários – etnias, nacionalidades, classes, religiões. Vê-se assim, tanto na educação menor, como na teoria *queer*, o papel político dos/as anônimos/as e dos/as que estão às margens ganhando destaque e possibilitando, quando assumem suas diferenças, a partir do dissenso, mesmo, a construção de uma sociedade que tenha como meta a igualdade.

Finalmente, tem-se uma descrição de como a literatura e o cinema contribuíram para a confecção das narrativas ficcionais. Na literatura, Marilene Felinto (1992), Milton Hatoum (2000), Denilson Lopes (2002) e Luiz Ruffato (2007), para citar alguns, possibilitaram o exercício de sair do lugar comum, ao desestabilizar o indivíduo, criando novas provocações e inquietudes daquilo que se tem por ver-

6 Louro (p. 38) apresenta uma tradução para *queer*:

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais [...] a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos dos muitos grupos homofóbicos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido.

dades, além de provocar novos olhares e outras compreensões para o cotidiano, que desafiam e questionam: como, na pós-modernidade, assumir perspectivas mais comprometidas com valores arraigados no interior dos grupos?

No cinema, obras como *Madame Satã* (2002), *Transamérica* (2005), *The bubble* (2006) e *Milk – a voz da igualdade* (2008), entre outras, conseguem através de recortes, trazer à cena, temas polêmicos, controversos e fragmentados da realidade de tantos/as personagens que tem um cotidiano marcado por suas representações que influenciam suas decisões e mostram que os conflitos vivenciados são mais graves e, muitas vezes, mais próximos de nossa realidade, do que se possa imaginar.

A partir das narrativas ficcionais apresentadas na pesquisa, podem-se apontar algumas observações importantes: por um lado, há despreparo de muitos personagens ligados a educação frente às questões da diversidade sexual no cotidiano escolar, ainda que, um/a ou outro/a professor/a abordem tal questão, essa abordagem é mais voltada para uma visão binária de sexualidade – a heteronormatividade. Por outro lado, no entanto, o protagonismo de outros/as tantos/as personagens, principalmente adolescentes e jovens estudantes, que em uma atitude política e de protesto, assumem seus corpos estranhos e suas sexualidades cambiantes, fazendo avançar algumas formas de pensar a diversidade sexual, sempre pelas frestas do currículo oficial.

A atitude desses/as personagens interpelam pela ampliação do sentido de cidadania, nesse caso, a cidadania sexual, que segundo Rios (2007, p. 59), “trata-se de dar o devido valor ao impacto e a importância de vivências sexuais que teimam em expressar-se em realidades tão desafiadoras quanto as latino-americanas”. Esses/as personagens se tornam *queers* para pensar e fazer outros/as pensarem em novas possibilidades de viver a alteridade na diferença, e isso acontece(u) no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FELINTO, Marilene. **As Mulheres de Tijucopapo**. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.

FONSECA, Márcio Alves da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2003. (Série Hipótese)

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime**

da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 49. ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

GALLO, Sívio. O ensino fundamental: formação e transformação. **Quaestio: Revista de Estudos de Educação**, Sorocaba, v. 8, n. 2, p. 89-104, nov. 2006.

GREEN, James Neylor. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Trad. Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 6. ed. Campinas: Papirus, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-131.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MADAME SATÃ. Dir. Karim Aïnouz. Imagem Filmes. Brasil, 2002. 1 DVD.

MILK, A VOZ DA IGUALDADE. Dir. Gus Van Sant. Focus Features, Axon Films, Groundswell Productions, Jinks/Cohen Company. EUA, 2008. 1 DVD.

NARDI, Henrique Caetano. **A escola e a diversidade sexual**. Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para Infância e Adolescência Contemporâneas. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrj.br/nipiac/blog/?p=38>>. Acesso em: 18 maio 2007.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

REIGOTA, Marcos; PADRO, Bárbara Heliodora Soares do (Orgs.). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção cultura, memória e currículo, v. 8)

RIOS, Roger Raupp. Cidadania sexual na América Latina. **Revista de Estudos Universitários/Cidadania**. Sorocaba, SP, v. 33, n. 1, p. 49-60, jun. 2007.

RUFFATO, Luiz. **Entre nós**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. Coleção Língua Franca.

THE BUBBLE. Dir. Eytan Fox. Imovision. Israel, 2006. 1 DVD.

TRANSAMÉRICA. Dir. Duncan Tucker. Focus Filmes. EUA. 2005. 1 DVD.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Record, 2004.